

INFORME DE BASE: Assembleia Geral de 2/07/13



Os trabalhadores técnico-administrativos em educação da UFJF, reunidos em assembleia geral na manhã de 2 de julho, elegeram a delegação que representará a base do Sintufejuf na próxima Plenária Nacional da Fasubra (dias 5 e 6 de julho). Rosângela Frizzero foi referendada como delegada pela direção, com duas abstenções. Em seguida, foi realizada a votação nas chapas. A chapa 1 (Coletivo Tribo) recebeu 21 votos na assembleia, portanto, levará 2 delegados: Lucas da Silva Simeão e Sebastião Portugal. A chapa 2 (Coletivo Vamos à Luta) recebeu 15 votos e levará uma delegada: Maria Ângela Ferreira Costa.

Os trabalhadores também aprovaram na assembleia realizada no anfiteatro da Reitoria a orientação da Fasubra e das Centrais Sindicais pela paralisação das atividades no dia 11 de julho – Dia Nacional de Lutas. A proposta foi aprovada com apenas uma abstenção.

Nos informes, Flávio Sereno solicitou que seja feita discussão sobre o Regulamento Acadêmico da Graduação (RAG), para que os conselheiros fechem uma posição da categoria em relação ao documento. Isso porque a votação acontecerá em breve. No dia 3, às 16 horas, acontecerá a reunião dos conselheiros.

A conselheira Maria dos Remédios explicou a atual situação das discussões sobre o RAG, que já recebeu diversas propostas de alteração. Segundo ela, o RAG passou pela revisão e colaboração de três gestões do DCE, por isso é preciso considerar tudo o que já foi feito até agora. Ela ressaltou que os conselheiros têm que juntar forças e “desarmar os espíritos”, pois o RAG “não é esse terrorismo que está aí”. Remédios disse que está aberto à sugestões e fica disponível no SIGA (sistema online da UFJF).

O outro ponto de pauta da assembleia foi a análise da conjuntura política brasileira, as reivindicações que ocuparam as ruas brasileiras e suas bandeiras. O norte das discussões foi: que relações podem ser feitas entre as reivindicações da juventude e as bandeiras dos trabalhadores, inclusive da categoria dos técnico-administrativos?

Após a análise da conjuntura, considerando os pontos abordados pelos servidores, as seguintes pautas foram aprovadas:

- Realização da reunião dos conselheiros representantes dos técnico-administrativos sobre o RAG;
- Que a Fasubra envie para as bases as prestações de contas do ano de 2012 e do fundo de greve. Além disso, que as próximas sejam enviadas para as bases sem que sejam acumuladas e apresentadas todas de uma vez no Confasubra. Que cheguem em tempo hábil nos sindicatos para a avaliação;
- Que o sindicato chame um ciclo de palestras ou seminário para discutir os rumos do movimento social e o futuro da representatividade, analisando as repercussões dos atuais protestos;
- Participar da audiência pública sobre transporte público municipal no dia 11 de julho, às 15 horas, na Câmara de Vereadores.

Análise de conjuntura:

- 1) **Maria dos Remédios:** Estou me sentindo feliz e assustada, porque nós, servidores, sempre fizemos greves, atos, manifestamos nossa insatisfação e não éramos ouvidos. Agora pela Internet – começando em São Paulo e com todo o desdobramento que houve – toda a sociedade se manifestou contra os desmandos dos governos. O povo cansou do país de mentira, onde educação está ruim, assim como a saúde e transporte. Como estão vivendo as pessoas que ganham um salário mínimo nesse país? Passando aperto. Que bom que a sociedade brasileira acordou, a juventude brasileira acordou. Tenho certeza que vão fazer tudo o que fizemos no passado, na época dos movimentos contra a ditadura. A própria Dilma reconheceu uma insatisfação generalizada, de todos os aspectos. O povo esperou pelos

sindicatos e partidos e nada foi feito, por isso não estão aceitando as bandeiras. No dia 11, a paralisação, vamos estar lá..

- 2) **Rogério:** Nosso país está em crise, a educação e saúde precárias, e gastaram tudo para a construção de estádios. A gota d'água foi o estádio de Brasília, que nem tem time de futebol. Mas o povo acordou e questiona tudo isso. A manifestação começou pacífica e agora a violência está evidente. Quem tem vontade de lutar não vai destruir o movimento, mas tem gente que não está respeitando isso. Essa manifestação é individual, a participação é do cidadão. Não tem que mandar recado pro sindicato convocar pra participar. Quem sente que deve participar, participa. Solicito que os delegados peçam a prestação de contas da Fasubra e que não seja apresentada só no Congresso. Esse dinheiro que toda a categoria manda, temos o direito de cobrar. E cobramos também a prestação do fundo de greve. Queremos transparência nisso.
- 3) **Flávio:** Nesse momento, o governo está cedendo em diversos pontos, a presidenta e os prefeitos, o que está na rua está avançando. A Dilma recebeu centrais, movimentos sociais como LGBT e Passe Livre, o que ainda não tinha feito, ou seja, o movimento está tendo resposta. Temos que colocar nossas pautas na rua e levar as da Fasubra para a rua, pois elas também precisam avançar. O sindicato deve convocar a categoria a ir para a rua, ajudar a pressionar as pautas locais e nacionais. Colocar nossa pauta junto às outras.
- 4) **Maria Ângela:** Temos que mobilizar nossa categoria a estar junto com a juventude na rua. Podemos ir em bloco, e é isso que a federação está tentando encaminhar: aproveitar esse momento rico, em que a Dilma está recebendo o movimento (isso é histórico), sendo que o governo já falou conosco que não recebia grevista. Os cartazes falam sobre saúde, educação, privatização do Maracanã (construído com dinheiro do povo). Vamos falar da privatização do HU, da privatização das universidades. Privatizaram a lavanderia do HU e não chegou roupa para os pacientes hoje. É o momento de irmos para a rua, porque tínhamos uma lavanderia que fazia tudo, a tempo e a hora. Agora vai para fora e vem de fora, sem hora de entrega. Essas questões nosso movimento, nossa base, tem que levar. Tudo tem a ver conosco. E tirar dessa assembleia a deliberação de ir para a rua, fazer um movimento forte que barre as privatizações dentro das universidades como um todo. Vamos aproveitar essa assembleia e levar nossas bandeiras para a rua, estarmos junto agora e com força falando contra a privatização da saúde e educação. Pedindo os 10% do PIB para a Educação. Acreditamos que temos que ir para a rua com toda força e mostrar nossa pauta atropelada e adiada nas reuniões do governo. Com todos os cartazes que temos, a angústia da nossa categoria.
- 5) **Paulo:** Participamos em 1984 do movimento das Diretas Já. Eu estava na Candelária, no Rio. O povo foi para a rua. E pensei: será que nesse vou ficar de fora? Não tinha como ficar de fora. De onde saíram as informações e convocações? Das redes sociais. E qual movimento organizado no Brasil que coloca nas ruas um milhão de pessoas? O LGBT. O MST é outro. Estávamos lá na manifestação, fui com a camisa do Sintufefuj e essa é uma bandeira nossa. Há quanto tempo não vemos as centrais na rua? Há quanto tempo não vemos deputados serem presos? Pessoas que estavam nas Diretas já, no Fora Collor, dessa vez foram pais com seus filhos estavam nas ruas. Minha sobrinha adolescente me chamou para o ato. Essa chamada das centrais demonstra que está na hora do movimento ir para a rua e ter nome também. As pessoas que estavam lá dentro da Câmara Municipal têm bandeiras sim, ligadas a partidos e movimentos estudantis. Está na hora de juntar as bandeiras das centrais, partidos e movimentos populares e encher as ruas de JF. Já estão chamando pra reunião de organização das atividades do dia 11. Usar a rede social sim, a rede do sindicato para todo mundo estar lá dia 11.
- 6) **Lêda:** Esses atos de hoje não começaram com a Tarifa Zero. O LGBT foi quem começou o movimento de rua na nossa era. Fez com que um grupo de pessoas, que estavam marginalizadas, reivindicasse seus direitos. Quando um dos pontos que foi a questão da passagem que o país inteiro precisa foi a passagem. Vimos pais e avós que participaram dos movimentos, as escolas à frente das discussões políticas. Vimos bisavós de 80 e tantos anos defendendo o transporte coletivo. O movimento hoje é social. O povo está esgotado e representações políticas não nos representam. A prova disso é de que todas as reportagens que entrevistaram as pessoas que de uma forma assumiram a liderança dos movimentos, demonstraram que nenhum deles pensa em se candidatar em partido, porque não confia mais no movimento político nosso. Isso está movimentando as cabeças dos nossos deputados, ministros, os partidos também estão preocupados, estão fragilizados porque não estão fazendo o papel para o qual eles existem. Já demonstraram que a tarifa zero é possível, viável.
- 7) **Márcio:** Os atos têm demonstrado que os movimentos estão mais ricos, interessantes, complexos. Cidades com porte menor, como Matias Barbosa e Viçosa, tiveram manifestos. E aqui foi representativo, com 5 mil e 15 mil pessoas. Algumas coisas já aconteceram: rejeição da PEC 37, corrupção como crime hediondo, a possibilidade de uma reforma política, plebiscito como um

referendo. Há tempos não víamos uma resposta tão rápida, aceitando as reivindicações. Esse é o momento crucial para levantarmos as bandeiras do Sintufejuf e da Fasubra. Destaco a natureza dos movimentos: sem liderança e grupos definidos. Cartazes de muitos tipos, com várias reivindicações. É muito preocupante o momento, de rejeição violenta às bandeiras dos movimentos sociais e partidos políticos. Isso aconteceu em outros países, rejeição desses órgãos representativos. Vamos refletir o papel das entidades clássicas representativas. Proponho um Ciclo de Palestras e estudos para ver o futuro do movimento social. O sindicato não pode virar um clube, simplesmente uma representação jurídica. Somos um movimento social importante. É importante chamar as categorias para discutir o futuro dos movimentos sociais. Minha proposta a construção desse evento.

O servidor Flávio Sereno propôs a mobilização para o fechamento dos setores no dia da paralisação, com lacre simbólico (evitando que trabalhadores terceirizados exerçam o trabalho dos servidores do quadro, enfraquecendo a mobilização). Rogério da Silva apresentou proposta contrária: realização da paralisação e participação em atos sem lacres simbólicos nos setores. Ele argumentou que, se as pessoas vão espontaneamente para a rua, se impedir a pessoa de entrar no setor é obrigar a pessoa a ir. Não é o momento que tem que fazer algo radical. As propostas foram para votação, que ficou empatada (13 a 13). A questão sobre o lacre ou não dos setores será resolvida posteriormente, após um debate mais aprofundado.

Diretoria Executiva do SINTUFEJUF